



Ciência & Saúde Coletiva

ISSN: 1413-8123

cecilia@claves.fiocruz.br

Associação Brasileira de Pós-Graduação em

Saúde Coletiva

Brasil

Hochman, Gilberto; Bhattacharya, Sanjoy
Imunização, vacinas: passado e futuro
Ciência & Saúde Coletiva, vol. 16, núm. 2, febrero, 2011, pp. 372-373
Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva
Rio de Janeiro, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63018970001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Imunização, vacinas: passado e futuro

A erradicação da varíola sob a égide da Organização Mundial da Saúde e o protagonismo de governos nacionais e de agências de cooperação estimulou uma série de iniciativas no campo da imunização e novas e ambiciosas metas de erradicação de doenças a partir dos anos de 1970. Programas Nacionais de Imunizações no Brasil e em outros países, o Programa Ampliado de Imunização da OMS e a meta de erradicação global da poliomielite foram algumas das iniciativas mais imediatas pós-varíola. Avanços podem ser reconhecidos, porém muitas dessas metas, talvez sonhos, ainda não foram concretizadas. A *política (politics) da imunização* e as *políticas (policies) de imunização* tornaram-se crescentemente mais complexas tanto na sua dimensão nacional como global e povoadas por novos atores, novos objetivos e novas vacinas. Seu passado, presente e futuro estão sob escrutínio da história e de historiadores em artigos publicados neste número de *Ciência & Saúde Coletiva*.

A imunização, um sonho idealizado, se tornaria realidade por meio um produto tecnológico milagroso, materializada por uma vacina segura e indolor que garantiria que muitas gerações sejam protegidas de doenças perigosas. A realidade, no entanto, é muito mais complexa. Produtos tecnológicos nem sempre são tão eficazes como anunciados pelos fabricantes de vacinas e outros defensores da imunização. É importante notar também que existem – e sempre existiram – diferentes noções sobre segurança vacinal e sua eficácia ao longo do tempo. E o fato de que algumas vozes sejam ouvidas – e divulgadas – mais amplamente do que outras é parte do intrincado processo de negociação política e social, um ponto que é ignorado ou minimizado por aqueles buscando promover a ideia de uma suposta natureza livre de valores da ciência.

A saúde pública, medicina e todas as ciências que lhe servem de base não são livres destes valores; concepções sobre doença, sua cura e até esforços de defender a importância de certas intervenções em detrimento de outras são fortemente influenciados por uma variedade de considerações sociais, políticas e econômicas que também são instáveis por natureza. Agências globais de financiamento são frequentemente influenciadas por aqueles que insistem que “balas mágicas” cada vez mais eficazes podem ser desenvolvidas e utilizadas sem problemas. Devemos interpelar essas opiniões e não ignorar as negociações sociais que são capazes de mobilizar todos os interessados em imunização, a disseminação efetiva de informações e o desenvolvimento responsável de normas éticas para as práticas e trabalho de campo. Políticas significativas somente podem ser desenvolvidas com base em comprometimentos reais com a introdução da democracia nos sistemas e regimes de saúde. A democracia envolve ouvir outros pontos de vista contrastantes, a despeito da situação social ou econômica daqueles que argumentam. Tal sensibilidade da saúde pública é um longo processo, mas o investimento nesse esforço é fundamental, uma vez que possibilita a crucial adaptabilidade dos níveis nacionais e locais aos programas globais de imunização.

Desse modo, a história da imunização, das vacinas, dos programas nacionais e internacionais de erradicação tem um importante papel no debate sobre o futuro da saúde pública. A história que ao mesmo tempo que se associa às celebrações do 30º aniversário da erradicação da varíola é, ou deveria, ser herética e incômoda. A análise histórica produz conhecimento e reflexão crítica ao abrir as “caixas-pretas” dos sucessos da saúde pública nacional e global, ao desvelar as tramas sociais e culturais envolvidas na imunização, ao investigar as redes de interesses políticos e econômicos que a envolvem e apontar a diversidade e a assimetria entre países, atores e instituições. Nesse sentido, a maior contribuição da história para a saúde pública é o seu fundamental sentido de temporalidade, espacialidade, contingência e complexidade. Pensar o futuro da imunização é necessariamente refletir sobre sua história.

Gilberto Hochman e Sanjoy Bhattacharya

Editores convidados

Immunization, vaccines: past and future

Smallpox eradication was a result of leadership provided by the World Health Organization headquarters and regional offices, national governments and, not least, national and multilateral aid agencies. The involvement of all these agencies encouraged a series of immunization initiatives and give rise to ambitious new goals for the eradication of diseases. The National Immunization Programs in Brazil and other countries, the WHO Expanded Programme on Immunization and the goal of global polio eradication were some of the more immediate results of successful smallpox eradication. Advances can be acknowledged; yet, several goals remain unfulfilled. The politics of global health, as well as the design and deployment immunization policies, have become increasingly complex in their various dimensions. This is unsurprising in a situation where immunization projects have been populated by new actors, new goals and new vaccines. The past, present and future of these trends are put under scrutiny by a range of historians in this issue of *Ciência & Saúde Coletiva*.

Immunization, in the form of an idealized dream, is a dream come true – a miraculous technological product, in the form of painless and a safe vaccine, ensures that many generations of society are protected from dangerous diseases. Reality, however, is far more complex. Technological products are not always as efficacious as advertised by manufacturers and other advocates. It is also worth noting that there are – and always have been – differing notions about vaccinal safety and effectiveness at any point of time. That some voices are heard – and advertised – more loudly than others is part of a complicated process of political and social negotiation; a point that is ignored or downplayed by those seeking to promote the idea of supposedly value free nature of science. Public health, medicine and all the sciences that underpin them are anything but; conceptions about disease, cures for it and even efforts to advocate the primacy of certain interventions over the others are deeply influenced by a variety of social, political and economic considerations (which are often shifting in nature). Global funding agencies are often swayed by those who insist that ever more effective “magic bullets” can be developed and put into place seamlessly; that should not be reason enough for us to agree with such a view and ignore the social negotiations that are capable of rallying stakeholders for interventions, the effective dissemination of information and the responsible development of ethical norms for field practice. Meaningful policy can only be developed on the back of meaningful commitment to the democratic introduction of health regimes. Democracy involves listening to other, often contrasting viewpoints, no matter the economic or social standing of those making the arguments. Such sensitivity in public health is time-consuming, but this type of investment of effort is always worthwhile, not least as it increases the quality of local stake-holding and also brings in a crucial element of adaptability to national and local chapters of global immunization programs.

Thus, the history of immunization, vaccines, and national and international eradication programs has an important role in the debate about the future of global public health. The history that is associated with the celebrations of the 30th anniversary of the eradication of smallpox needs to be detached, investigative and devoid of blithe heroic statements. Historical analysis produces knowledge and critical reflection in many ways. It can allow us to open the “black boxes” of the national and global health successes. Such scholarship can also reveal social and cultural affairs and conflicts that are often central to immunization activities. And, historians are well located to study and reveal networks of political and economic interests, which can go a very long way in explaining diversities and asymmetries marking work within countries, institutions and teams of workers. The greatest contribution of history to public health is its fundamental sense of time, space, contingency and complexity. Immunization’s future shape and responsibilities can be debated more effectively only after we have carefully reflected on its history.